

REDES PRODUTIVAS: UM ESTUDO DE CASO DA ASSOCIAÇÃO RETIRENSE  
DE APICULTORES EM BARÃO DE MELGAÇO – MT COMO ALTERNATIVA  
DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

*Silvana Emanuelle Dotto*<sup>1</sup>

*Cristina Cuiabália Rodrigues Pimentel*<sup>2</sup>

*Helton Luiz da Silva Campos*<sup>3</sup>

**RESUMO**

Este artigo constitui-se no estudo de como a apicultura pode contribuir para o desenvolvimento econômico de pequenas comunidades rurais, em especial no caso da Associação RetireNSE de Apicultores (ARAPI) fundada por moradores da comunidade Retiro São Bento localizada no Pantanal do município de Barão de Melgaço em Mato Grosso. Tendo como objetivo estudar a estrutura da rede produtiva desta organização bem como sua importância para o desenvolvimento da região em que está inserida, os meios de investigação se basearam em observação *in loco* e coleta de informações em documentos cedidos pela Associação e pela Estância Ecológica SESC Pantanal, entidade que promoveu as primeiras ações para a inserção da apicultura na comunidade Retiro São Bento. Como já apontado em alguns estudos, o Pantanal é um ecossistema de grande potencial apícola, desta forma, a ARAPI tem obtido êxito em suas produções e, conseqüentemente a comunidade pôde incrementar a renda familiar e promover ações conservacionistas em benefício tanto para o desenvolvimento da apicultura como também para garantir por maior tempo a riqueza biológica deste ambiente pantaneiro às próximas gerações.

*Palavras-chave:* apicultura, rede, desenvolvimento regional

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Especialista em Meio Ambiente – Ênfase em Impacto Ambiental pela Universidade Federal de Mato Grosso; Ciências Ambientais- Ênfase em Interpretação Ambiental pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia/Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal de Mato Grosso.

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia/Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal de Mato Grosso.

<sup>3</sup> Graduado em Licenciatura Plena em Geografia pelo Centro Universitário Várzea Grande - UNIVAG e Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia/Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal de Mato Grosso.

## RESUMEN

Este artículo es un estudio de cómo puede la apicultura contribuir al desarrollo económico de pequeñas comunidades rurales, en especial se refiere a la Asociación Retireense de Apicultores (ARAPI) fundada por moradores de la comunidad Retiro São Bento localizada ene. Pantanal del municipio de Barão de Melgaço en Mato Grosso. Tiene como objetivo estudiar la estructura de la red productiva de esta organización así como su importancia para el desarrollo de la región en que se encuentra. Los medios de investigación se basaron en observaciones in loco y recolección de datos en documentos de la Asociación y de la Estancia Ecológica SESC Pantanal, entidad que promovió las primeras acciones para la inserción de la apicultura en la comunidad de Retiro São Bento. Como ya se ha indicado en algunos estudios, el Pantanal es un ecosistema de gran potencial avícola; de esta manera, la ARAPI ha tenido éxito en sus producciones y, en consecuencia la comunidad puede incrementar su renta familiar y promover acciones conservacionistas en beneficio del desarrollo de la apicultura y también para garantizar un mayor tiempo de vida en la riqueza biológica de este ambiente pantanoso para las próximas generaciones.

*Palabras clave:* apicultura, redes, desarrollo regional

## ABSTRACT

This article consists on the study of how beekeeping can contribute to the economic development of small agricultural communities. The case study is the Retireense Association of Beekeepers (ARAPI) established by inhabitants of the «Retiro São Bento» community, located in the «Pantanal» in the city Barão de Melgaço in Mato Grosso, Brazil. The objective is to study the structure of the productive net of this organization as well as its importance for the development of the region where it is inserted. The research has been based on observation *in loco* and in information in documents yielded by Association and Ecological Ranch «SESC Pantanal». This is the entity that promoted the first actions for the insertion of the beekeeping in the «Retiro São Bento» community. As it has been already pointed in some studies, the Pantanal is an ecosystem of beehive, and then, the ARAPI has gotten success in its production and consequently the community could increase the familiar income, and promote actions for the development of the beekeeping as well as to guarantee a longer time of the biological wealth of this environmental «pantaneiro» to the next generations.

*Key words:* beekeeping, net, regional development, beehive

## 1. INTRODUÇÃO

A produção do espaço geográfico no Estado de Mato Grosso se intensificou com a chegada dos bandeirantes no início do século XVIII. Em busca de índios e de possíveis descobertas de metais preciosos, estes desbravadores partiram de São Paulo atingindo o extremo oeste do território de abrangência do que hoje são os Estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.

A entrada dos bandeirantes paulistas nas terras mato-grossenses deu impulso às descobertas de ouro, inicialmente às margens do rio Coxipó, que constituem o fator primordial na formação do embrião da cidade de Cuiabá e regiões adjacentes tais como, Santo Antonio do Leverger, Chapada dos Guimarães, Nossa Senhora do Livramento

e Barão de Melgaço, que se caracterizavam como regiões de abastecimento das zonas mineradoras.

Como relatado por Siqueira (2002) a região do Rio Abaixo, que hoje compreendem os municípios de Santo Antonio do Leverger e Barão de Melgaço, se constituiu como o primeiro foco de produção agrícola da região, onde eram cultivados alimentos para abastecimento da região mineira, como mandioca, arroz, feijão, milho, dentre outros.

Estes são os primórdios do desenvolvimento regional de Mato Grosso, que teve como um dos principais aspectos de formação da paisagem as diversas atividades econômicas que se estabeleceram no território e que determinaram ao longo do tempo a configuração do espaço regional. Neste contexto, as atividades econômicas em Mato Grosso desde a mineração, passando pela pecuária, chegando à atual agricultura altamente desenvolvida, trouxeram populações de migrantes que aqui se instalaram e intensificaram estas atividades com o aperfeiçoamento de técnicas e introdução de tecnologias revolucionárias, uma das marcas mais representativas da modernidade. Com o desenvolvimento da agricultura a partir da década de 1970, a tecnologia introduzida implicou na reestruturação do território, pois, controlando com mais eficácia a natureza, o objetivo de acumulação do capital, de produzir em maior quantidade em menos tempo pôde ser atingido, favorecendo a expansão de grandes propriedades rurais.

Portanto, este avanço tecnológico também tem proporcionado outras conseqüências que hoje estão sendo discutidas de maneira enfática por diversos órgãos da sociedade que defendem questões culturais e principalmente ambientais. Atualmente, a necessidade de conciliar desenvolvimento econômico, conservação ambiental e solidariedade transgeracional tem sido cada vez mais premente, impulsionando a busca de novas alternativas econômicas que conciliem estes aspectos. Dentre estas alternativas, a apicultura está entre uma das atividades mais promissoras, em especial no Estado de Mato Grosso, que abriga uma grande diversidade em sua vegetação, com abundância de espécies vegetais com potencial apícola.

A produção em pequena escala pede alavancar o desenvolvimento de determinada região por meio de redes produtivas, criando produtos especiais e, como no caso em estudo, naturais, agregando valores e, tornando-se assim, marcas registradas do local.

Andrade (1998) afirma que, nas sociedades mais desenvolvidas, há uma especialização da população na produção de determinados bens ou na oferta de determinados serviços, além de uma especialização da produção por áreas geográficas.

Atualmente existem muitos grupos que exercem atividades em baixa escala, porém com produtos de excelente qualidade e que acabam sendo levados até para outros países através de turistas. Podemos citar como exemplo as rendas e redes confeccionadas no nordeste brasileiro, os famosos doces de Pelotas – RS, os trabalhos artesanais de Mato grosso (tuiuíus, garças, jacarés, araras feitos de resina ou madeira) que são marcas registradas do estado entre tantos outros produtos que possuem grande potencial para desenvolver a região, principalmente em se tratando dos pequenos produtores e dos arranjos produtivos de base comunitária.

Dentro deste contexto, este artigo objetiva estudar como se estrutura de um dos grupos que desenvolvem a apicultura em Mato Grosso, a Associação Retireense de Apicultores (ARAPI) a fim de compreender a rede produtiva desta organização e a importância desta atividade para o desenvolvimento da região em que está inserida.

## **2. OBJETIVO**

Compreender como se estrutura a rede produtiva da Associação Retireense de Apicultores – ARAPI e a importância desta atividade para o desenvolvimento da região em que está inserida.

## **3. METODOLOGIA**

Esta pesquisa se caracteriza eminentemente como um estudo de caso. Segundo Vergara (1998), o estudo de caso é circunscrito a uma ou poucas unidades, entendidas como uma pessoa, uma família, um produto, uma empresa, um órgão público, uma comunidade ou mesmo um país. Tem caráter de profundidade e detalhamento. Pode ou não ser realizado no campo. Gil (2002), afirma que o estudo de caso é uma modalidade de pesquisa que consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Mas este autor também pondera que esta é uma tarefa quase impossível diante outros delineamentos considerados.

Esta modalidade de pesquisa já foi considerada como um procedimento pouco rigoroso, hoje, porém, é encarado como o método mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto real (Gil 2002). Desta forma, este autor aponta os cinco principais propósitos do estudo de caso nas ciências sociais:

- a) Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) Preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- c) Descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- d) Formular hipóteses ou desenvolver teorias, e
- e) Explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Neste caso, a pesquisa se desenvolveu através de dois principais meios de investigação. Um deles se refere à pesquisa de campo, isto é, houve investigação empírica no local onde a Associação está localizada que incluiu a observação e registros escritos dos aspectos observados. E o outro correspondeu à pesquisa bibliográfica, ou seja, o estudo sistematizado desenvolvido com base em literatura específica publicada em livros e redes eletrônicas, tanto fontes primárias como secundárias.

Desta forma, a coleta de dados se baseou em observação e análise de documentos coletados na Estância Ecológica SESC Pantanal (órgão do Serviço Social do Comércio)

que mantém uma reserva biológica próxima à comunidade e foi o órgão que apoiou a iniciativa de desenvolver a apicultura com estes moradores em parceria com o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). Foram fornecidos diversos documentos, tais como, o projeto para implantação desta atividade, material sobre apicultura elaborada pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), relatório que delinea o perfil socioeconômico dos participantes do projeto (moradores da comunidade Retiro São Bento) e relatórios de colheitas do mel.

Posteriormente, estes documentos foram estudados e analisados para que os resultados fossem apresentados atingindo o objetivo proposto por esta pesquisa, e estabelecer como base as literaturas específicas que delinham este estudo de caso.

#### 4. A APICULTURA COMO ALTERNATIVA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

Segundo a nomenclatura zoológica, a abelha é um animal da classe Insecta, da ordem dos himenópteros e da família dos apídeos (Gallo 2002). São conhecidas cerca de vinte mil espécies e são os indivíduos da espécie *Apis mellifera* que mais se prestam para a polinização e produção de mel, geléia real, cera, própolis e pólen.

A apicultura constitui-se na exploração racional destes produtos que são desenvolvidos pelas abelhas a partir do néctar das flores. É uma atividade muito importante, pois se configura como uma alternativa de emprego e renda para o ser humano, em especial os camponeses, visto que seu manuseio é simplificado e o custo inicial é baixo comparando-se às atividades agrícolas. O mel é o produto apícola mais fácil de ser explorado, sendo também o mais conhecido e aquele com maiores possibilidades de comercialização, além de ser um alimento, é também utilizado em indústrias farmacêuticas e cosméticas, pelas suas conhecidas ações terapêuticas (Freitas, Khan e Silva 2004).

Esta é uma das atividades mais antigas e importantes do mundo; até onde se tem registros, o mel já era utilizado desde 5.000 a.C. pelos sumérios. Muito tempo depois egípcios, gregos e romanos registraram os primeiros contatos com as abelhas do gênero *Apis sp.*, das quais obtiveram o primeiro adoçante natural, além da cera e da própolis com a qual realizavam diversos trabalhos, principalmente o embalsamamento dos corpos de nobres e reis falecidos (SEBRAE 2005).

As abelhas do mel não são nativas do continente americano, foram trazidas da Europa. No Brasil o gênero *Apis sp.* foi introduzido por volta de 1840 e três décadas depois foram introduzidas abelhas italianas. Atualmente, a criação racional de *Apis mellifera* no Brasil é a miscigenação de abelhas européias e africanas, que foram introduzidas em 1956.

As maiores descobertas para desenvolvimento da apicultura, surgiram a partir de Aristóteles, mas só a partir do século XVII é que houve um considerável avanço no desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas de manejo. O marco da apicultura nesta trajetória foi a criação da colméia Langstroth em 1851, utilizada até hoje como o principal instrumento desta atividade.

Atualmente, segundo divulgado pela Associação Paulista de Apicultores e Criadores de Abelhas Melíferas Europeias (APACAME), com 40 mil toneladas anuais, o Brasil ocupa a 11ª posição no *ranking* mundial da produção apícola. Quanto à exportação, em 2000 foram exportadas 269 toneladas, já em 2005 a quantidade aumentou para 21 mil toneladas.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística), Mato Grosso ocupa a 15ª posição entre os estados que mais produzem mel (Tardin 2007). Segundo dados da Pesquisa da Pecuária Municipal (IBGE 2000), o Rio Grande do Sul foi o Estado que mais se destacou na produção de mel no Brasil, com 5.815.448 quilos, superando a produção total de todas as regiões, isoladamente. A região Centro-Oeste ocupou o quarto lugar entre as cinco regiões do Brasil, com a produção anual de 631.704 quilos que foram produzidos em 2000. Mas foi registrado um aumento de 25% de 2002 a 2003 na produção de mel no país.

Este crescimento ocorre em virtude da ampliação da rede de apicultores no país, que vem disseminando técnicas e multiplicando organizações que tem na apicultura a fonte principal de emprego e renda. São vários os exemplos de comunidades que tem sua economia baseada na apicultura. E muitos casos, estas organizações têm como princípio fundamental o associativismo. O berço do associativismo apícola no Brasil foi no Rio Grande do Sul, com a criação de várias associações, posteriormente Federações e, em 1968, foi fundada a Confederação Brasileira de Apicultura. As associações, ou seja, organizações providas de autonomia e gestão democrática para obtenção de finalidades comuns, tem sido um dos mais importantes meios de se estabelecer e legalizar as comunidades que se mobilizam a fim de gerar benefícios coletivos através destas atividades econômicas alternativas, como a apicultura.

Em Mato Grosso existem aproximadamente 1.200 produtores de mel. Em 2006, segundo divulgado pela Federação das Entidades Apícolas de Mato Grosso, FEAPIS-MAT, foram produzidas aproximadamente 300 toneladas de mel. Atualmente, nove associações ligadas à apicultura são filiadas à Federação e existe mais cinco sendo formadas no Estado. A tendência desta atividade em Mato Grosso é expandir, visto que é uma região com alto potencial para a apicultura em se tratando da diversidade e abundância de floradas tanto do cerrado como no Pantanal.

Desta forma, no ano de 2004, a comunidade Retiro São Bento, localizada no Distrito de Joselândia, no município de Barão de Melgaço, em pleno Pantanal matogrossense, começou a receber estímulos para a prática desta atividade, visto que carece de meios para geração de emprego e renda e melhoria das condições de vida. Este povoado tradicional, encontrou na apicultura a fonte de ocupação e recursos para promover maior integração e conseqüentemente, se fortalece gradativamente na busca de implementação desta atividade.

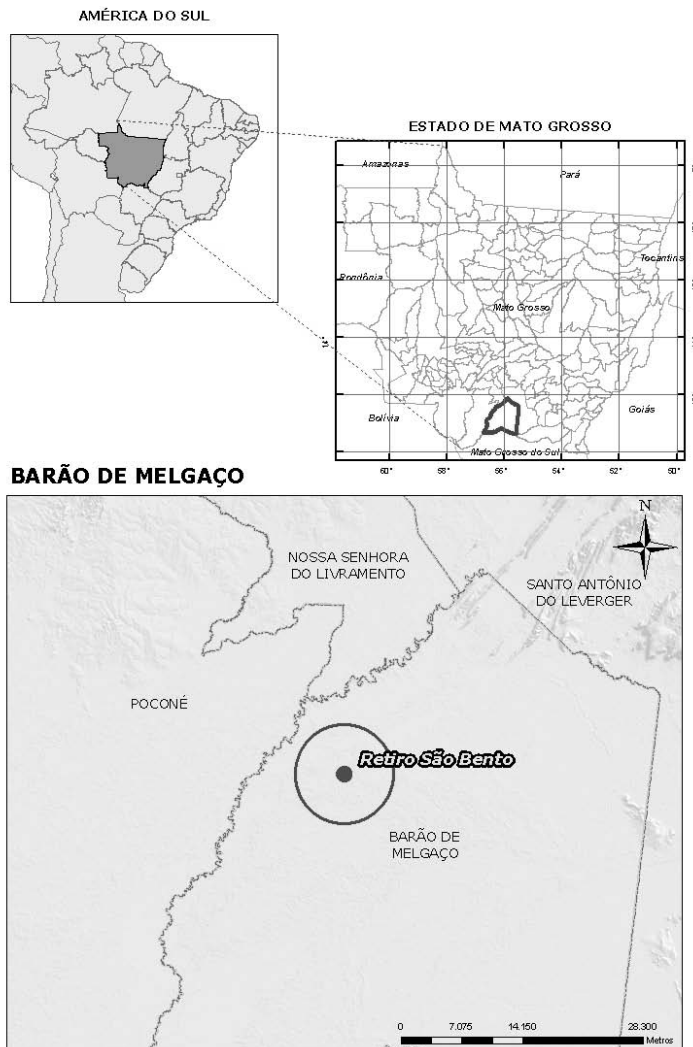


Figura 1. Mapa de localização da comunidade Retiro São Bento, município de Barão de Melgaço, Mato Grosso.

## 5. ASSOCIAÇÃO RETIRENSE DE APICULTORES – ARAPI

Diante do expressivo e promissor cenário que se encontra hoje a apicultura no Brasil e em Mato Grosso, as oportunidades no meio rural têm se ampliado oferecendo possibilidades para os pequenos produtores. Considerando ainda que o Estado possui um notável potencial desta atividades, visto que é composto por formações vegetais ricas e abundantes, como as do cerrado e, em especial do Pantanal.

O Pantanal se destaca enquanto ambiente propício à apicultura por abarcar, além da flora apícola favorável, o ciclo hidrológico anual com períodos marcados de cheia e seca, sendo a água um requisito fundamental na biologia das abelhas, caso não haja a presença de rios, córregos ou lagos com água limpa, há a necessidade de se construir os chamados bebedouros com bóias para que as abelhas possam pousar. Outro aspecto que faz esta atividade uma alternativa viável tanto economicamente quanto ambientalmente, é o fato de ser incompatível com ambientes poluídos. Muitas áreas no Pantanal ainda encontram-se conservadas, permitindo a construção de apiários e garantindo o êxito na produção. A apicultura deve ser iniciada em localidades onde não haja agricultura a base de insumos agrícolas, não deve haver a prática de queimadas e as águas dos rios, lagos ou lagoas devem estar livres de qualquer tipo de material poluente. Estas são determinações para garantir um mel considerado orgânico com certificado emitido por órgãos confiáveis. Além de todos estes fatores favoráveis, o clima também é determinante para que a atividade se estabeleça e a produção seja satisfatória.

Estudos realizados pela EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), identificaram mais de 1.700 espécies de plantas da região do Pantanal mato-grossense que proporciona uma grande quantidade e variedade de floradas durante todo o ano, que são visitadas pelas abelhas africanizadas possibilitando a produção de mel com qualidade, que, quando não é considerado orgânico, pode-se considera-lo um produto natural.

Desta forma, a apicultura passou a ser apontada como uma das alternativas mais apropriadas a ser desenvolvida pela comunidade de Retiro São Bento como uma fonte de ocupação e renda, visto que não possuem muitas oportunidades para melhoria das condições de vida, senão eventuais serviços prestados às grandes fazendas que tem como fonte de renda a pecuária extensiva.

Diante deste panorama, a Estância Ecológica SESC Pantanal (EESP), iniciou em 2002 uma sondagem das condições que pareciam ser apropriadas à implantação desta atividade na área de entorno da RPPN que mantém no Pantanal do município de Barão de Melgaço. A RPPN SESC Pantanal é uma unidade de conservação de uso indireto de grande destaque, visto que protege uma área com 106.644 ha e possui estrutura física e de recursos humanos adequada que garante o monitoramento ambiental e o desenvolvimento de pesquisas.

O Distrito de Joselândia, onde está inserida a comunidade Retiro São Bento, está localizado no limite nordeste da RPPN. Ele é formado por outras duas comunidades: São Pedro de Joselândia e Pimenteira. Retiro São Bento é a menor entre elas e a que possui infra-estrutura básica mais precária. Estima-se que é composta por aproximadamente 300 pessoas.

A partir de 2002, começou, então, a ser elaborado o Projeto Colméia sob coordenação do Encarregado do Setor Administrativo da RPPN, Afonso Francisco de Assis Ferreira. Este projeto foi elaborado por Ferreira (2002) teve como objetivo, capacitar alguns moradores desta comunidade para o desenvolvimento da apicultura como fonte de renda. Após sua elaboração, foram realizadas algumas reuniões com os moradores



que demonstraram interesse em participar desta alternativa. Ao notar que um grupo representativo demonstrou grande interesse, começaram as ações para viabilizar esta capacitação. Em 2004, em parceria com o SEBRAE, a EESP deu início aos cursos com técnicos especializados e também passou a definir a forma pela qual poderia estar auxiliando este grupo na obtenção dos instrumentos e materiais necessários inicialmente.

Em agosto de 2004, foram entregues ao grupo alguns dos instrumentos e equipamentos mais importantes, tais como 10 caixas (colméias Langstroth), 1 tanque decantador, 1 mesa desoperculadora, 1 centrífuga, indumentárias (luvas, macacões e máscaras), dentre outros. Este material foi custeado pela EESP, a princípio, e, após as primeiras colheitas, o grupo devolveu à EESP uma determinada quantidade de mel correspondente a este investimento inicial, configurando, desta forma, uma permuta.

Com o início das atividades, foi realizado pelos gestores da RPPN um levantamento socioeconômico do grupo de apicultores recém formado. Através deste estudo, constataram que todos os 11 integrantes eram do sexo masculino com idades variadas. Dos 11 integrantes, 4 possuíam de 20 a 30 anos, 4 possuíam de 30 a 40 anos e 3 se encontravam na faixa etária de 40 a 55 anos. Cerca de 81% eram casados e tinham filhos. Quanto à escolaridade, apenas dois cursaram o Ensino Médio completo, e o que possuía menor nível estudou até a 1ª série do Ensino Fundamental. Quanto às propriedades apenas 2 afirmaram que possuíam terras e quanto à pecuária, 5 possuíam gado. Do grupo, apenas 1 alegou ter renda fixa. Segundo este levantamento, a principal fonte de sustento era o plantio de subsistência que todos praticavam e incluía itens como arroz, feijão, milho, mandioca, abóbora e banana. Quando questionada a perspectiva que sentiam com relação ao projeto Colméia, todos indicaram ser esta uma alternativa que iria contribuir para o aumento da renda familiar e alguns revelaram que se sentiam motivados e visavam maior aperfeiçoamento para garantir o aumento da produção de mel.

Este contexto em que a comunidade se organizou para implementar a apicultura, propiciou a criação de uma associação a fim de legalizar as ações comerciais de venda do mel e compras periódicas de materiais de consumo. Desta maneira, foi fundada em 7 de agosto de 2006 a ARAPI, Associação Retireense de Apicultores. A criação desta entidade foi fundamental para formalizar as ações do grupo, regulamentar a estrutura da organização, e fortalecer o grupo de apicultores. Atualmente, a associação conta com 17 associados e a produção chegou a crescer em aproximadamente 400% em um ano, segundo dados cedidos pela Associação. Um dos apicultores que atingiu uma produção significativa e uma das colheitas chegou a declarar que não trocaria mais suas caixas (colméias) por gado. Fato que demonstra a satisfação com os resultados da apicultura nesta comunidade.

Esta rede organizada que aos poucos foi se estabelecendo, permitiu facilitar o processo de produção e escoamento do mel produzido para os mercados predeterminados, que inicialmente foi um dos maiores entraves a ser superado, em virtude da dificuldade de acesso às áreas onde a produção é realizada.

Os quadros de mel colhidos nos apiários são centrifugados, o mel é extraído e embalado em frascos de 500 gramas. Estes são levados ao Hotel SESC Porto Cercado de barco e lá são comercializados na loja de *souvenir* do Hotel bem como utilizado nas refeições oferecidas no restaurante. Porém, a tendência apontada pelos apicultores é a ampliação da distribuição para outros mercados, visto que a produção tem aumento substancialmente.

A estrutura básica para o desenvolvimento das ações da Associação ainda está instalada em um dos postos de proteção ambiental da RPPN do SESC Pantanal, entretanto provisoriamente. O grupo tem buscado meios para financiamento da construção das instalações próprias da ARAPI. A casa do mel, como será denominada, irá representar um avanço importante para o grupo, tendo em vista que disponibilizará de instalações adequadas para o recebimento dos quadros, produção, embalagem e comercialização do mel com qualidade. Em vistas, também, do aumento do número de associados bem como aumento do número de colméias, não desviando dos princípios da sustentabilidade que constituem o alicerce desta atividade. O grupo também prevê para que sejam realizados os estudos sobre as abelhas neste ambiente para que possam continuar desenvolvendo a apicultura com o conhecimento dos limites que devem seguir, para que não passem a explorar este recurso de forma descontrolada, causando impactos negativos na dinâmica destes insetos.

Este é um dos exemplos de como as atividades econômicas alternativas podem contribuir com o desenvolvimento de determinada região. Antes da apicultura, Retiro São Bento tinha como uma de suas principais atividades a pecuária, porém, atualmente, a apicultura ganhou espaço e ao invés de pastos, os moradores cultivam a flora original para que as floradas tragam o sustento destas famílias, garantam condições de vida mais adequadas e, desta forma, o ecossistema pantaneiro seja conservado.

Portanto, criou-se capital social, que, segundo Abramovay (2003), são as características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, no caso, rural, facilitando as ações coordenadas. A noção de capital social possibilita ver que os indivíduos não agem independentemente, que seus objetivos não são estabelecidos de maneira isolada e seu comportamento nem sempre é estritamente egoísta. Desta forma, a rede de relações estabelecida possibilitou ampliar a idéia dos atores envolvidos, fazendo-os reconhecer suas capacidades, valorizar o trabalho na apicultura e, através da cooperação, atingir o objetivo planejado e até superar suas expectativas.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através deste trabalho pôde-se perceber que o meio rural atualmente não se sustenta apenas com atividades ligadas à agricultura e pecuária. Existem hoje regiões rurais que necessitam implementar outras formas de desenvolvimento, não apenas em função das pressões do contexto e que se inserem (latifúndios, tecnologia no campo, limitação de

áreas protegidas, dentre outros), mas também para que os camponeses utilizem mais racionalmente os recursos naturais disponíveis nestas regiões, mitigando os impactos gerados pelas relações entre as comunidades humanas e a natureza.

A apicultura caracteriza-se como uma destas formas alternativas de desenvolvimento, e que está sendo gradualmente implementada em comunidades rurais localizadas em áreas com potencial natural para a produção de mel em abundância e com qualidade, como é a região do Pantanal mato-grossense.

Para o estudo da dinâmica do funcionalismo de um sistema de apicultura, vale destacar também as considerações de Raffestin (1993). Este autor define o espaço como sendo constituído por formações naturais e ações antrópicas, e o território pelos interesses que um ator exerce sobre sua área de influência num determinado espaço.

Quando cita-se os conceitos de Raffestin sobre espaço e território fala-se em serviços e pessoas, mas pode-se relacionar o caso das abelhas que produzem seu mel em determinado território em um espaço adequado, pois as abelhas protegem as caixas e quando se sentem ameaçadas atacam os indivíduos a sua volta (tornando ali seu território), e cada espécie de abelha se adapta melhor e produz o mel com maior qualidade em um espaço que lhe garanta ter o néctar com maior ou menor qualidade conforme a vegetação do lugar.

Até na organização das abelhas há um poder, que no caso é a abelha rainha. A definição foucaultiana de poder afirma que o poder: 1) é algo que não se adquire e é exercido a partir de inúmeros pontos; 2) é imanente as relações; 3) vem de baixo e não há oposição entre dominante e dominado; 4) em intencionalidade e não subjetividade; 5) onde há poder há resistência e esta não é exterior àquele. A partir disso, o autor coloca que o poder não é influência nem autoridade e que, portanto, está ligado à manipulação dos fluxos de energia em informação, como duas variáveis inversamente proporcionais. Assim, população, território e recursos são trunfos do poder. Nesta perspectiva, pode-se dizer que neste caso o poder são as Federações de apicultura, que controlam esta atividade no território, e, em outras escalas, as Associações.

Porém, o conceito de território não é suficiente sem o de rede, pois o complementa. As redes são formadas inicialmente pelas federações dos apicultores. Junto ao território, nos lugares do poder há nodosidade, centralidade e marginalidade. Ou seja, há lugares que apresentam densidades mais fortes ou mais fracas de relações, como aspecto das redes. As Federações seriam os nós; a centralidade, as associações; e a marginalidade os produtores de mel.

Justo (2005) faz uma citação sobre Raffestin (1993) que cabe ressaltar: «do território surgem tessitura, nó e rede; portanto, deve-se levar em conta este conjunto de superfícies, pontos e linhas». Podemos apoiar-nos nesse geógrafo para colocar uma associação de apicultores território (dentro de outro maior) em que as áreas onde produzem o mel são nós (pontos) e as redes são as linhas que unem os pontos, ligando fragmentos (produzindo e distribuindo o mel) e, assim, compondo tessituras. «Quanto às redes, em que nodosidade, centralidade e marginalidade estão implicadas, interessa que tanto

na circulação quanto na comunicação —processos simultâneos— os atores sociais confrontam-se com elas. Para o autor, as redes são móveis e inacabadas e por isso têm a força de adaptar-se ao espaço e ao tempo».

Quando se fala nessas redes móveis e inacabadas e que se adapta ao tempo e espaço, pode-se afirmar que as associações também precisam se adaptar e se atualizar em termos de busca de mercado para a venda do seu produto que é o mel. A divulgação do produto através de sites, e-mail, Televisão, rádios também garante uma boa alternativa de divulgação na mídia.

Portanto, o grupo de moradores de Retiro São Bento pode conhecer a apicultura através do apoio inicial da Estância Ecológica SESC Pantanal. Reconhecendo as possibilidades que esta atividade poderia proporcionar, se dedicaram à capacitação e atingiram metas satisfatórias. Hoje os integrantes da Associação Retireense de Apicultores, fundada a partir de princípios fundamentais para sua perenidade, isto é, capacitação, trabalho, cooperação e paciência, puderam consolidar uma ocupação estável e obtenção de uma maior renda para sustento das famílias.

São as novas dimensões da ruralidade, isto é, o reconhecimento de que os habitantes do meio rural possuem a capacidade de organizarem-se em uma rede produtiva e dinâmica com articulações flexíveis que pode se desenvolver por meio das mais diversas atividades. Independente da forma que estas comunidades irão se desenvolver, é crucial o fortalecimento do capital social para que estas populações se valorizem e optem pelo desenvolvimento no meio rural com uma produção diferenciada, natural e com qualidade, produtos estes que as populações urbanas buscam e necessitam.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R.

2003 *O futuro das regiões rurais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

ANDRADE, Manuel Correia de

1998 *Geografia econômica*. 12 ed. São Paulo: Atlas.

FERREIRA, A. F. A.

2002 «Subsídio à elaboração de propostas de um modelo de desenvolvimento sustentável para a comunidade São Pedro de Joselândia - Barão de Melgaço, MT». 86 f. TCC apresentado ao Curso de Especialização em Políticas Públicas e Questões Ambientais II. Departamento de Serviço Social. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Mato Grosso.

FREITAS, D. G. F., A. S. KHAN, L. M. R. SILVA

2004 «Nível tecnológico e rentabilidade de produção de mel de abelha (*Apis mellifera*) no Ceará». *Rev. Econ. Sociol. Rural*, Brasília, v. 42, n. 1. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032004000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032004000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23 Maio 2007. Pré-publicação.

GALLO, D. *et al.*

2002 *Entomologia agrícola*. Piracicaba: ESAUQ.

GIL, A. C.

2002 *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas.

JUSTO, M. G.

2005 *Ex-moradores de rua como camponeses num assentamento do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo: Senac/SP.

RAFFESTIN, C.

1993 *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática.

SEBRAE/CE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado do Ceará.  
Projeto Apis: Apicultura Integrada e Sustentável

2005 *Estudo Setorial Piloto de Apicultura*. Fortaleza: SEBRAE/CE.

SIQUEIRA, E. M.

2002 *História de Mato Grosso. Da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas.

TARDIN, C.

2007 «Apicultura ganha cara nova no Estado». *Folha do Estado*, Cuiabá, 21 maio. Caderno Economia, p. 13.

VERGARA, S. C.

1998 *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.

Redes eletrônicas consultadas:

[www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/apicultor/producao.html](http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/apicultor/producao.html) (Acessado em 24/05/2007)

[http://www.embrapa.br/noticias/banco\\_de\\_noticias/2003/julho/bn.2004-11-25.2378955280/mostra\\_noticia](http://www.embrapa.br/noticias/banco_de_noticias/2003/julho/bn.2004-11-25.2378955280/mostra_noticia) (Acessado em 25/05/2007)

<http://www.apacame.org.br/mensagemdoce/64/associativismo1.htm> (*web site* da Associação Paulista de Apicultores e Criadores de Abelhas Melíficas Européias, acessado em 24/05/2007)